

biológicas, 19 (6,3%) de exatas, 20 (6,6%) de humanas e 34 (11,3%) de outras áreas. Em relação aos hábitos de doação: metade dos alunos respondedores afirmou já ter doado sangue alguma vez e dos doadores é regular, ou seja, doam 3 ou mais vezes por ano. Quanto às contraindicações à doação, 70,4% não as apresentam. Em relação ao conhecimento sobre doação de medula óssea, 21,6% conhece o REDOME e 10,3% dos alunos é cadastrado como doador de medula óssea. Quando questionados acerca do procedimento de coleta da medula, 40,4% afirma não conhecer o procedimento, 19,2% acredita que a medula óssea é coletada do sangue arterial ou da coluna vertebral e 40,4% respondeu que o procedimento é feito pelo osso do quadril, ou seja, 59,6% dos alunos responderam equivocadamente ou desconhecem o procedimento. Dos alunos cadastrados como doadores de medula óssea, 77,4% responderam corretamente sobre o local de coleta da medula, sugerindo que o desconhecimento sobre o assunto pode influenciar nos baixos índices de cadastramento de novos doadores, apesar do crescimento constante. Além disso, do total de respondentes, 38,5% afirma ter alguma razão para não doar medula óssea, como temer dor durante a coleta ou acreditar que haverá prejuízo à saúde do doador. Dos 185 alunos que não possuem razões para não doar, somente 16,2% são cadastrados como doadores de medula óssea e 39,4% afirmaram não conhecer o procedimento, o que corrobora a hipótese de que o desconhecimento sobre a doação de medula atua como fator de influência no cadastro de novos indivíduos, enquanto principal impeditivo para a doação.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.816>

AValiação DO PERFIL DE CONHECIMENTO E PREDISPOSIÇÃO À DOAÇÃO DE SANGUE POR PÓS-GRADUANDOS DA ÁREA DA SAÚDE

MS Vieira, BS Caetano, ML Schiavenin,
NA Borges, NE Gelsleichter, PFP Paz,
SC Wagner, LN Rotta

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil

Introdução: Apesar do sangue, enquanto recurso terapêutico, ser indispensável nos cuidados com a saúde, atualmente no Brasil o número de doadores de sangue não atinge a meta proposta pela OMS de que, em média, 3% da população seja doadora. Estudantes e profissionais da área da saúde são especialmente importantes como disseminadores de conhecimento associado à doação de sangue e como potenciais doadores. **Objetivos:** Avaliar o perfil de conhecimento e a predisposição à doação de sangue pelos alunos de pós-graduação de uma universidade especializada na saúde (UFCSPA), bem como os aspectos associados a esses fatores. **Metodologia:** Estudo transversal prospectivo, que utilizou um questionário on-line autoaplicável, contendo um termo de consentimento livre e esclarecido, para levantamento de dados sociodemográficos e avaliação da predisposição e do conhecimento (9 perguntas sobre as etapas, requisitos e situação dos estoques de sangue) dos estudantes em relação à doação sanguínea. **Resultados:** 110 alunos de pós-graduação vinculados à

área da saúde participaram do estudo. A maioria (56,4%) já doou sangue alguma vez e 90% tem intenção de doar futuramente. No caso de ser um conhecido necessitando de sangue, 99,1% dos participantes responderam que doariam. O nível de conhecimento satisfatório (>70% de acertos) foi predominante (42,7%) e dentre esses indivíduos, 70,2% já doou sangue, 72,3% teve alguma disciplina/aula sobre a doação e 78,7% pertence a profissões em maior contato com a atuação em banco de sangue (biomedicina, biologia, enfermagem, farmácia e medicina). Dentre os indivíduos com conhecimento insatisfatório (<50% de acertos), 90,5% nunca doou sangue, 71,4% nunca teve disciplina/aula sobre o assunto e 66,7% pertence a outras profissões que não as citadas. Também se constatou que a maioria dos estudantes com intenção de doar sangue apresentou conhecimento satisfatório (46,5%). **Discussão:** A avaliação da predisposição à doação de sangue e, principalmente, do conhecimento sobre esta prática na população brasileira ainda é insuficiente. A pesquisa revelou a associação do conhecimento satisfatório com a intenção de doar sangue, realização de disciplina/aula que envolvesse o tema e com a prática da doação, demonstrando a importância de abordagens educativas para a disseminação e consolidação de conhecimento sobre a doação de sangue e a influência deste na adesão a essa prática. Constatou-se também que a maioria dos indivíduos estaria disposta a doar, sendo que, se esta doação for para um conhecido, há uma maior motivação de praticá-la. Este achado corrobora com o grande número de doadores de reposição existente. Por fim, embora a maioria dos participantes já tenha doado sangue, percebe-se que a prática de doação entre os acadêmicos de pós-graduação ainda é baixa e precisa ser incentivada. **Conclusão:** O estudo proporcionou a identificação de aspectos relacionados com a motivação de doar e com o nível de conhecimento sobre a doação de sangue, contribuindo para a construção de estratégias voltadas ao público pesquisado. Assim, busca-se conquistar um maior número de doadores regulares dentro desta população e garantir maior acesso à informação, para que estes profissionais da saúde possam atuar incentivando a doação de sangue.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.817>

COMPARAÇÃO DE INTERNAÇÕES POR LINFOMA DE HODGKIN E NÃO HODGKIN NO BRASIL: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE 2015 A 2020

BFB Bassani, AL Schuster, PRC Consoni

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil

Objetivos: O linfoma de Hodgkin (LH), em geral, tem o diagnóstico em estágio inicial, sendo considerado um dos cânceres mais tratáveis e curáveis. Já o linfoma não-Hodgkin (LNH) não apresenta diagnóstico até que tenha atingido estágio mais avançado. Dessa forma, considerando a diferença no período de diagnóstico inicial, o objetivo do trabalho é comparar as internações por LH e LNH entre 2015 a 2020, relacionando ao sexo, faixa etária e região brasileira,



para que se tenha um panorama nacional de ambas as interações. **Material e métodos:** Realizou-se estudo trasnversal descritivo durante o mês de julho de 2021, utilizando a base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), filtrando por sexo, faixa etária, região e interações por LH e LNH entre 2015 a 2020. **Resultados:** No período estudado, ocorreram 28.632 interações por LH. Por sexo, 13.041 (45%) feminino e 15.591 (55%) masculino. Por região, 13.409 (47%) no Sudeste (SE), 7.022 (24%) no Nordeste (NE), 4.887 (17%) no Sul (S), 2.028 (8%) no Centro-Oeste (CO) e 1.286 (4%) no Norte (N). Por faixa etária, de 0 a 19 anos ocorreram 8.309 (29%) interações, de 20 a 39 anos 12.328 (43%), de 40 a 59 anos 5.085 (18%), de 60 a 79 anos 2.686 (9%) e com 80 anos ou mais 224 (1%). Já, por LNH ocorreram 98.001 interações. Por sexo, 39.725 (41%) interações femininas e 58.276 (59%) masculinas. Por região, 46.945 (48%) na SE, 20.627 (21%) na NE, 20.388 (21%) na S, 6.561 (7%) na CE e 3.480 (3%) na N. Por faixa etária, de 0 a 19 anos ocorreram 16.393 (17%) interações, de 20 a 39 anos 20.183 (20%), de 40 a 59 anos 29.896 (30%), de 60 a 79 anos 28.109 (29%) e com 80 anos ou mais 3.420 (4%). **Discussão:** Comparando as interações por LH e LNH, esta última teve 71% (69.369) mais interações que a primeira devido ao diagnóstico tardio as interações do LNH têm maior prevalência. O sexo masculino teve discreta dominância nas interações, tanto de LH quanto LNH, corroborando com a epidemiologia da doença de se apresentar mais frequentemente em homens do que em mulheres. Quanto à faixa etária, o LH teve mais interações entre adultos jovens de 20 a 39 anos (43%), enquanto que LNH registrou entre 20 a 79 valores próximos de interação, o que também é justificado pela epidemiologia de ambas as doenças. Por região, tem-se a SE predominando nas interações, entende-se devido à densidade populacional alta encontrada nesta região brasileira. **Conclusão:** Registrou-se interações por LH e LNH em todas as regiões brasileiras e em todas as faixas etárias, predominando o LH de 20 a 39 anos e o LNH entre 29 a 59 anos. O sexo masculino internou mais que o feminino. Quanto à região, a SE ocupou o primeiro lugar, seguida pelo NE, S, CO e, por último, N.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.818>

COMPREENSÃO FRENTE À DOAÇÃO DE SANGUE ENTRE OS ALUNOS DO PRIMEIRO PERÍODO DE MEDICINA DA UFRJ E SUAS PARTICIPAÇÕES NA GINCANA SOLIDÁRIA PARA DOAÇÃO DE SANGUE

LG Figorelle, LLSP Domingues, JB Nascimento, TA Barros, CAPR Neto, JO Costa, VA Leitão, A Maiolino, M Garnica, MFD Gaudi

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

De acordo com dados do Ministério da Saúde de 2020, em torno de 1,6% da população brasileira é doadora de sangue, abaixo do índice recomendado pela OMS. A conquista de

novos doadores frequentes é fundamental para a manutenção dos estoques de sangue nos hemocentros, principalmente no contexto atual pandêmico. Visando esclarecer a compreensão dos alunos ingressantes do curso de medicina da UFRJ frente à necessidade da doação de sangue, dois questionários foram elaborados pela Liga Acadêmica de Hematologia e Oncologia da UFRJ a partir da plataforma online Google Forms. Os questionários foram divulgados por redes sociais. O primeiro, composto por 18 questões e o segundo por 11, elucidaram os conhecimentos sobre o tema e a iniciativa para doação. Entre os questionários, os alunos foram expostos a uma aula teórica sobre a importância da doação de sangue, ministrada pelo Hematologista Tiago Barros pela plataforma Google Meets. Os alunos respondedores foram convidados a participar de gincana solidária, uma atividade de promoção de doação entre amigos e familiares dos alunos ingressantes. Para a validação na gincana, o doador posta uma foto na rede social Instagram, marcando a conta da Liga, recebendo pontos. Os 3 alunos com maiores pontuações ganham acessórios da faculdade, cedidos pelas entidades da Faculdade de Medicina. Entre os 54 alunos presentes, 44 responderam o primeiro questionário e 46 o segundo. Dos 44 respondedores do pré-questionário, 50% eram homens, 88,6%, da faixa etária de 18 a 21 anos e 77,3% nunca doaram sangue. Desses, 34,1% nunca pensaram ou se sentiram motivados a doar e 15,9% afirmam ter alguma contraindicação. 22,1% declararam ser 5 em 5 a probabilidade de doarem sangue nos próximos 30 dias. 52,3% afirmaram ser 5 em 5 sua aptidão para conversar com outras pessoas sobre doação de sangue, 13,6% acreditavam que com uma doação era possível salvar uma vida e 25% acreditavam ser possível salvar quatro vidas. 29,5% acertaram o tempo mínimo entre doações de sangue. 77,3% acertaram quais doenças eram testadas em bolsa de doação. 75% acertaram a alternativa que indicava o paciente não apto a doar sangue. 56,6% acertaram a principal causa de mal estar relacionado à doação. Dos 40 respondedores do pós-questionário, 34,7% afirmam ser 5 em 5 a probabilidade de doarem sangue nos próximos 30 dias e 59,2%, 5 em 5 a aptidão em conversar com outros sobre doação de sangue. 77,6% responderam que até 4 vidas podem ser salvas com uma doação. 89,8% acertaram o tempo mínimo entre doações, 93,9% quais doenças eram testadas em uma bolsa. 85,7% acertaram a alternativa que indicava o paciente não apto a doar, 79,6% para a principal causa de mal estar relacionada à doação. 98% consideram ser 5 em 5 a importância de uma campanha como essa na Faculdade. A pesquisa expôs a desinformação parcial entre os ingressantes do curso sobre o tema proposto, percebemos, entretanto, aumento expressivo dos acertos após a aula teórica, evidenciando o benefício da palestra. Ademais, notamos um crescimento no incentivo dos alunos na doação voluntária após o encontro, embora uma parte tenha se mantido indecisa. Portanto, fica claro a importância da elaboração de projetos que visam aumentar as doações entre estudantes de medicina, por meio da propagação de informação a respeito do ato entre os alunos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.819>

